

Ciência Atual

Revista Científica
Multidisciplinar das
Faculdades São José

2016

Volume 8 | Nº2



FACULDADES
SÃO JOSÉ

ISSN 2317-1499

Catia Campos Correia

Orientador: Nacyra Yiburi Fernandes de Lucena

RESUMO

O presente artigo visa mostrar o estudo do desenvolvimento progressivo do desenho infantil despertando a importância da disciplina de artes, através da ação educativa das crianças, busca analisar a passagem dos rabiscos iniciais, da garatuja, para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos, dessa forma utilizando o desenho como ferramenta principal e motivadora na aprendizagem e estímulo a criatividade das crianças. Como objetivo específico, será estudado o desenvolvimento e a influência do desenho e da escrita, suas vantagens, evoluções, reflexos, a experiência de fazer formas artísticas e tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte será abordado também a experiência de fluir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perspectivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa. A experiência de refletir sobre arte como objeto de conhecimento onde importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos.

Palavras-Chave: Desenho, avaliação pedagógica e psicopedagógica.

ABSTRACT

This article aims to show the study of the progressive development of children's drawing awakening the importance of arts discipline through educational activities of children, seeks to analyze the passage of the initial sketches, the scrawls, to increasingly ordered buildings, giving rise to the first symbols, thus using the drawing as principal and motivating tool in learning and stimulating children's creativity. Like a Specific objective, will be studied development and the influence of drawing and writing, its advantages, developments, reflexes, the experience of making art forms and everything that comes into play in this creative action: personal resources, skills, materials research and techniques the relationship between perceive, imagine and realize a work of art will be also discussed the experience of flow artistic forms, using information and perspectives and imaginative qualities to establish a contact, a conversation in which forms means different things to each person. The experience of thinking about art as an object of knowledge where loading data on the culture in which the artwork was done, the history of art and the elements and formal principles that constitute the artistic production, both artists and the students themselves.

Keywords: Drawing, pedagogical and psycho-pedagogical evaluation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da importância da exímia interpretação do desenho na avaliação pedagógica e psicopedagógica de um educando no contexto escolar.

A criança, desde muito pequena até a fase adulta, geralmente é proposta o desejo em ler e desenhar e com isto postergar suas habilidades, reflexos, aptidões, compreensões etc. Qualquer cantinho vazio de papel, qualquer lugar que possa ser rabiscado, lá estará sendo impresso os sentimentos intrínsecos de uma pessoa, que seja bem nova em idade ou até bem avançada em dias.

Aprofundar as questões referentes à avaliação e a interpretação do desenho por parte dos profissionais envolvidos tanto no ambiente escolar quanto em consultórios e como essa interpretação e avaliação auxiliam no desenvolvimento cognitivo, emocional e psicomotor do aluno/paciente.

Respondendo a referida problemática, o presente artigo reconhece que quando se faz uma boa interpretação dos desenhos (rabiscos) que os educandos produzem, pode-se propriamente dizer que está indo no mais fundo de uma criança, porque pelos desenhos elas exprimem e demonstram todos os sentimentos e expressões interiores. Crianças desenharam qualquer coisa e dizem qualquer significado e os adultos vibram, ou seja, tudo que a criança faz de desenho e mostra aos pais, se torna lindo, pois os mesmos acreditam serem os meios pelos quais expressam o amor, raiva, realidade, inquietações, enfim, sentimentos contidos das mesmas.

Portanto, o objetivo geral é investigar as diferenças existentes entre os tipos de abordagem que sistematizam a questão da interpretação e avaliação do desenho.

Entretanto, os objetivos específicos são identificar e caracterizar as fases do desenho infantil; descrever e/ou analisar o papel do psicopedagogo em consulta junto de crianças a desenhar; Interpretar os desenhos a nível emocional, percebendo o funcionamento psicológico da criança; apresentar as competências básicas para a identificação e aplicação dos vários testes de desenho infantil; verificar a relação entre o profissional e o aluno/paciente, até onde esta relação pode influenciar na avaliação e analisar como é feita a avaliação do desenho por parte dos profissionais.

Como pressuposto, este trabalho se desenvolverá devido ao grande interesse pela educação infantil, motivando a realização deste estudo sobre o desenho na avaliação pedagógica e psicopedagógica. Estudo este, que pretende contribuir de maneira educacional e social para o aprofundamento do desenho na educação infantil. Ressaltando com esta pesquisa a importância do desenho infantil como forma de comunicação gráfica, de significativa função na análise e interpretação do desenvolvimento infantil.

A relevância do artigo se confirma com a busca de métodos para que venham facilitar aos educadores e profissionais psicopedagogos a compreensão das etapas do desenvolvimento do desenho infantil, visando melhores resultados no desenvolvimento da criança na educação infantil, pois, somente com o domínio destas fases do desenho muito bem exemplificado por Vygotsky, o profissional vai estar preparado para dar qualquer relatório técnico num âmbito médico e no escolar saber entender a criança e tentar ajuda-la da melhor forma.

O estudo ocorreu por meio de pesquisas bibliográficas como artigos, literaturas, bibliografias específicas a estruturação do artigo contribuindo para dirimir as possíveis dúvidas pertinentes ao tema e assim auxiliando a conclusão do mesmo por meio de pesquisas documentais.

O estímulo à arte é muito importante, pois o ato de desenhar deve ser considerado um fator essencial no processo do desenvolvimento da linguagem, bem como uma espécie de documento que registra a evolução da criança, ao desenhar, a criança desenvolve a autoexpressão e atua de forma afetiva com o mundo, opinando, criticando, sugerindo, através da utilização das cores, formas, tamanhos, símbolos, entre outros, exprimindo assim seus medos, anseios, descontentamentos e demonstrando amor, amizade, ingenuidade.

Desenho é uma forma de manifestação da arte, o artista transfere para o papel imagens e criações da sua imaginação. É basicamente uma composição bidimensional (algo que tem duas dimensões) constituída por linhas, pontos e forma. É diferente da pintura e da gravura em relação à técnica e o objetivo para o qual é criado. O desenho é utilizado nos mais diversos segmentos profissionais, tornando a arte diversificada a diferentes contextos, com isto, a riqueza do grafismo infantil possibilita à criança não só o prazer em desenhar, mas também todos esses aspectos da educação infantil. Ao desenhar ela constrói um espaço ao seu redor. Observá-la é fundamental para que possamos entendê-la, pois para este pequeno ser, o desenho é a sua linguagem e sua primeira escrita.

O desenho é para a criança um modo muito significativo e prazeroso de expressão e de representação e que transita entre o real e o imaginário. Desenhar e rabiscar são formas de comunicação e expressão desde os primórdios da humanidade, mas para a criança nem sempre o importante é atribuir significados aos seus rabiscos, pois quando descobre as propriedades do giz, do lápis e da tinta os explora e diverte-se com as novas descobertas, quando rabisca está desenvolvendo sua criatividade e ampliando sua capacidade de expressar-se.

Com o passar do tempo, esses rabiscos e desenhos passam a ser feitos intencionalmente e a criança começa a usar o desenho para comunicar seus pensamentos, desejos, emoções, exteriorizar seus sentimentos e brincar com a realidade, seu desenho ganha simbologia e significação potencializando sua capacidade de criar. O primeiro desenho simbólico em sua maioria é o da figura humana. Com isso, desenvolveram-se as fases do desenho que são: Garatuja desordenada; Garatuja ordenada (longitudinal); Garatuja ordenada (circular); Garatuja nominada (mescla); Pré esquema (1º fase); Pré esquema (2º fase); Pré esquema (3º fase); Esquema; Início do Realismo. (LUQUET, 1969)

Cabe ao educador e psicopedagogo durante o desenhar de uma criança estimular o desenvolvimento emocional e afetivo. Durante esse breve momento de desenhar a criança cria uma comunicação gráfica ela vai retratar o seu ser, seus sonhos, conflitos, medos. O educador pode traçar com ajuda de um psicopedagogo as correções necessárias para ajudar na formação desse futuro adulto.

ESTÍMULO E MÉTODOS DE INSERÇÃO À ARTE

O desenho tem papel fundamental na formação do conhecimento e requer grande consideração no sentido de valorizar desde o início da vida da criança, considerando a bagagem que trás de casa, assim como seu próprio dia-a-dia.

O ato de desenhar deve ser considerado um fator essencial no processo do desenvolvimento da linguagem, bem como uma espécie de documento que registra a evolução da criança.

A criança ao desenhar desenvolve a autoexpressão e atua de forma afetiva com o mundo, opinando, criticando, sugerindo, através da utilização das cores, formas, tamanhos, símbolos, entre outros.

São de ressaltar que o professor deve oferecer para seu aluno a maior diversificação possível de materiais, fornecendo suportes, técnicas, bem como desafios que venham favorecer o crescimento de seu aluno, além de ter consciência de que um ambiente estimulante depende desses fatores colocados, permitindo a exploração de novos conhecimentos. "O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos." (MACHADO, 2008, p.30).

Partindo do pressuposto de que não são oferecidos tais suportes, a tendência é que o aluno bloqueie sua criatividade, visto que não lhe foram oferecidas tais condições.

A importância de valorizar o desenho desde o início da vida da criança se dá pelo fato da necessidade que o universo infantil tem em ser estimulado, desafiado, confrontado de forma que venha enriquecer as próprias experiências da criança.

Valorizando a arte, ou seja, o desenho na escola, o professor estará levando o aluno a se interessar pelas produções que são realizadas por ele mesmo e por seus colegas, bem como por diversas obras consideradas artísticas a nível regional, nacional e internacional.

A história da arte no Brasil teve início na primeira metade do século XX com a disciplina de desenho, trabalhos manuais, música e conto orfeônico, fazendo parte do currículo das escolas primárias e secundárias. Entre os anos 20 e 70 o ensino de arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança, no período que vai dos anos 20 aos dias de hoje vive-se um crescimento cultural tanto dentro quanto fora das escolas (BRASIL, 1998).

Enquanto mediador do conhecimento, o professor é essencial para incentivar o aluno, seja ele pelo caminho da arte ou por outra área do conhecimento, oferecendo os melhores suportes, de forma que venha a somar no crescimento e formação do mesmo.

Estes desenhos, no entanto, apresentam através das interpretações, atitudes negativas e/ou positivas, pois a criança desenha situações e/ou objetos da maneira que os interpreta, de acordo com a realidade em que vive, da maneira que enfrentam o desafio de viver dia após dia e da capacidade de ver e explorar o mundo em que vive.

O Psicopedagogo assim como o Psicólogo, tem habilidades para trabalhar com a criança através do desenho infantil, pois é através de um processo avaliativo e não só do desenho isolado, que estes profissionais podem detectar algo importante que a criança esteja tentando nos transmitir.

Através deste processo, pode-se detectar, por exemplo, problemas emocionais, comportamentais, escolares, no âmbito familiar, depressão, entre outros. Verificado o problema, encaminha-se então a criança ao profissional habilitado para realização da terapia adequada.

A arte é uma disposição natural do homem, cultivada desde a infância. Nas escolas, deveria aparecer em todas as matérias, de forma diversificada e está até ligada com a religião, com o eterno (FROEBEL 1864, p. 44 – 47).

Por meio do desenho infantil é possível fazer uma avaliação intelectual na criança e um excelente diagnóstico, se for realizado testes tipo projetivos, que avalia os vínculos relacionais que podem interferir no processo de aprendizagem, tais como, Alegoria Animais, Par Educativo, Os quatro momentos do dia, Desenho livre, Família Educativa, Plano de minha casa, Desenhos em episódios e o Dia do meu aniversário.

O que demonstrou que falar sobre o desenho infantil é falar em desenvolvimento, aquisição de conhecimentos, construção de conceitos, organização de ideias, formulação de opiniões, capacidade intelectual e de comunicação. A riqueza do grafismo infantil possibilita à criança não só o prazer em desenhar, mas também todos esses aspectos da educação infantil.

Ao desenhar ela constrói um espaço ao seu redor. Observá-la é fundamental para que possamos entendê-la, pois para este pequeno ser, o desenho é a sua linguagem e sua primeira escrita. Nele são mostrados seus medos, inseguranças, ansiedades, alegrias e descobertas. A criança não nasce sabendo desenhar, que este conhecimento é construído a partir da sua relação direta com o objeto, assim são suas estruturas mentais é que definem as suas possibilidades quanto à representação e interpretação do objeto. Assim a criança é o sujeito de seu processo, ela aprende a desenhar a partir de sua interação com o meio. (PILLAR, 1996, p. 21)

*“Tia Catia, eu desenhei!
Eu e minhas amiguinhas por causa do ar geladinho.
Eu vou brincar e nem vou suar.
Lá fora tá muito calor...”*

*Giovana, 5 anos
Agradecimento Colégio Realengo Seara.*



O DESENHO É ESPONTÂNEO OU É FRUTO DA CULTURA?

Entre os principais estudiosos, há uma cisãnia. Há os que defendem que o desenho é espontâneo e o contato com a cultura visual empobrece as produções, até que a criança se convence de que não sabe desenhar e para de fazê-lo. E há aqueles que depositam justamente no seu repertório visual o desenvolvimento do desenho. Nas discussões atuais, domina a segunda posição. "A única coisa que sabemos ser universal no desenho infantil é a garatuja. Todo o resto depende do contexto cultural" (LAVELBERG, 2001, p.56)

Detalhes da figura humana, noções de perspectiva e realismo visual são elementos da evolução do desenho. Essa perspectiva não admite o empobrecimento do desenho infantil, mas entende que a criança reconhece a forma de representar graficamente sua cultura e deseja aprendê-la. Assim, cai por terra o mito de que ela se afasta dessa prática quando se alfabetiza.

O desenho é uma forma de linguagem que tem seus próprios códigos e para se aproximar do que ele expressa, é preciso fazer uma escuta atenta enquanto ele é produzido e a relação entre a aquisição da escrita e a diminuição do desenho ocorre porque a escola dá pouco espaço a este quando a criança se alfabetiza. (MARTINS, 2012, P.50)

DESENHO INFANTIL

O desenho é para a criança um modo muito significativo e prazeroso de expressão e de representação e que transita entre o real e o imaginário. Desenhar e rabiscar são formas de comunicação e expressão desde os primórdios da humanidade, mas para a criança nem sempre o importante é atribuir significados aos seus rabiscos, pois quando descobre as propriedades do giz, do lápis e da tinta os explora e diverte-se com as novas descobertas, quando rabisca está desenvolvendo sua criatividade e ampliando sua capacidade de expressar-se. Com o passar do tempo, esses rabiscos e desenhos passam a ser feitos intencionalmente e a criança começa a usar o desenho para comunicar seus pensamentos, desejos, emoções, exteriorizar seus sentimentos e brincar com a realidade, seu desenho ganha simbologia e significação potencializando sua capacidade de criar. O primeiro desenho simbólico em sua maioria é o da figura humana. "O desenho relaciona-se intimamente com o psiquismo e moral. Ele é uma representação mental que vem da intenção de desenhar os objetos e isto prepondera no espírito desenhador." (LUQUET, apud, MERLEAU-PONTY, 1990, p.130).

O desenho é uma representação gráfica de um objeto real ou de uma ideia abstrata. O desenho é uma das formas de expressão mais antigas da humanidade. Utiliza-se o desenho como uma forma de comunicação desde a pré-história, quando os primeiros homens, através de pequenas figuras desenhadas nas rochas e nas paredes das cavernas, manifestavam suas ideias e pensamentos entre si. (DESENHO INFANTIL. GUIA DA CRIANÇA, 2010)

Através do desenho as crianças brincam, experimentam ideias, emoções e pensamentos, representam o mundo a partir das relações que estabelecem com o outro e com o meio em que vivem.

As etapas e os estágios do desenho infantil definidos e estudados por Lowenfeld nos ajuda a compreender e observar o desenvolvimento da criança, embora ele mesmo afirma que não é fácil perceber a transição dessas etapas, além de não ocorrerem na mesma fase e da mesma maneira para todas as crianças.

Segundo ele, a primeira etapa é o "Estágio das Garatujas" que acontece por volta dos dois anos de idade. Nessa fase a criança rabisca sem intenção e sem controle de forma desordenada e que aos poucos vai percebendo seus movimentos e controlando e organizando mais seus traçados. Explora e experimenta os movimentos de seu corpo e o espaço.

A etapa do rabisco (garatuja) - dos 3 aos 6 anos de idade; a etapa do realismo fortuito - dos 6 aos 9 anos de idade; a etapa do realismo falhado - dos 9 aos 12 anos de idade; a etapa do realismo intelectual - dos 12 aos 14 anos de idade; a etapa do realismo virtual - a partir dos 14 anos de idade. (DESENHO INFANTIL. GUIA DA CRIANÇA, 2010)

Investigar as diferenças existentes entre os tipos de abordagem que sistematizam a questão da interpretação e avaliação do desenho.

A evolução dos seus desenhos se faz por etapas e pode variar conforme o estado da criança. Uma criança com raiva, por exemplo, irá rabiscar com energia e ininterruptamente; a triste ou angustiada expressará seus desenhos com traços negros ou barras riscando o que acabou de produzir, com tons fortes e riscos grosseiros e contínuos.

Isso é apenas um indício, pois nunca se deve interpretar um desenho isoladamente ou por suposições, intuições é necessário uma profunda análise para que este diagnóstico seja certo e sem erros, para que os psicopedagogos e os profissionais de ensino-aprendizagem consigam realizar seus trabalhos de forma simples e sucinta, acarretando nas crianças/pacientes um crescimento com grandes progressos e surpreendentes ascensões intelectuais.

As crianças privilegiam uma folha de papel branca e lápis de cera para exprimir as suas opiniões, sentimentos e medos – muito mais do que a comunicação verbal. É esta a forma que a criança encontra para contar uma história que terá, invariavelmente, representações de cenas e de pessoas da sua vida real. Um desenho encerra um sem número de significados, presentes em pequenos pormenores que podem não ser imediatamente evidentes, mas que com um olhar mais atento podem revelar algo que possa estar a afetar a criança de forma negativa. (BETHANIA, 2012, P.30)

É de extrema importância que o educador tenha um “olhar pensante” em relação aos seus alunos, principalmente no que se refere ao desenho infantil. Infelizmente a escola se preocupa mais com a linguagem ensinada do que com a linguagem natural dos pequeninos, que é o desenho. Daí a necessidade de se investir primeiro na educação do educador, pois sem isso as crianças perderão o seu dom natural mais belo de se comunicar e expressar.

O papel do educador deve ser o de orientar, levar, mediar, encaminhar o aluno às descobertas que o mundo lhe oferece, ampliando suas capacidades e potencialidades e estabelecendo princípios que nortearão estas conquistas. Respeitar suas individualidades e seu processo de desenvolvimento, incentivar a estética e motivar são meios de auxiliar as relações que a criança vai estabelecer entre as suas conquistas e descobertas. Enfim o desenho deve ser visualizado como possibilidade de brincar, o de falar de registrar, marca o desenvolvimento da infância, porém em cada estágio, o desenho assume um caráter próprio. Estes estágios definem maneiras de desenhar que são bastante similares em todas as crianças, apesar das diferenças individuais de temperamento e sensibilidade.

Uma área específica e alvo de estudo intensivo, os desenhos infantis são matéria privilegiada no campo da psicologia, o que significa que nem os professores ou educadores de infância estão completamente treinados para decifrar desenhos. Porém, existem sinais de alerta, presentes nos desenhos das crianças, que podem despertar pais e professores para situações anormais.

Os terapeutas especialistas afirmam que a interpretação dos desenhos deve ser feita consoante a idade da criança, ou seja, um desenho todo preto feito por uma criança de 2 anos pode não ter nenhuma conotação negativa, uma vez que esta ainda não tem uma consciência clara da escolha das cores, ao invés de uma criança mais velha, com 4 ou 5 anos.

O especialista deve levar em conta a condição biográfica e familiar da pessoa que desenhou, bem como sua história pessoal, que servirá como marco de referência de quem está fazendo o desenho. Além disso, é necessário levar em conta que um desenho é importante, mas não define tudo. É uma expressão de sentimentos e de desejos que podem ajudar, a saber, por exemplo, como se sente a criança a respeito da sua família, sua escola, etc. (INTERPRETAR O DESENHO DE UMA CRIANÇA. GUIA INFANTIL. 2013, p.62)

No entanto, os psicólogos vão mais longe nesta matéria e defendem ainda a importância de não avaliar o desenho isoladamente, mas de considerar, para além da idade da criança, a sua personalidade, o seu desenvolvimento cognitivo e ainda o seu histórico de desenhos. Em adição, há, naturalmente, o contexto do desenho, ou seja, sugere-se que o adulto fale frequentemente com a criança sobre aquilo que desenha.

Deve estar atento a: Cores utilizadas e vivacidade das mesmas; Força ou interrupção do traço; Existência de sombras; Isolamento de determinadas figuras (fechadas dentro de um quadrado ou de um círculo, por exemplo); Ausência de determinadas figuras ou representação das mesmas numa escala muito reduzida; Agressividade de determinadas figuras; A criança passa a desenhar, continuamente, cenários de violência; Desenha repetidamente a mesma figura; Se alguma figura é riscada ou apagada, depois de desenhada; Desenha figuras sem cabeça ou sem rosto; Não consegue desenhar-se a si próprio, numa imagem de família; Desenha cenários que não são adequados à sua idade.

Um distúrbio que além do seu comportamento também é diagnosticado por meio dos desenhos e grafismos é o autismo que é uma disfunção global do desenvolvimento. É uma alteração que afeta a capacidade de comunicação do indivíduo, de socialização (estabelecer relacionamentos) e de comportamento (responder apropriadamente ao ambiente — segundo as normas que regulam essas respostas).

Esta desordem faz parte de um grupo de síndromes chamado transtorno global do desenvolvimento (TGD), também conhecido como transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), do inglês pervasive developmental disorder (PDD). Entretanto, neste contexto, a tradução correta de "pervasive" é "abrangente" ou "global", e não "penetrante" ou "invasivo". Mais recentemente cunhou-se o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) para englobar o Autismo, a Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação.

Os transtornos do Espectro do Autismo (TEA) constituem um grupo de condições que, por um lado, tem sido mais frequentemente identificadas e, por outro, tem atraído interesse de profissionais de várias áreas do conhecimento. (SCHWARTZMAN & ARAÚJO, 2011, p. 15)

FASES / ETAPAS DO DESENHO INFANTIL

Com a realização deste artigo busca-se facilitar aos educadores e profissionais psicopedagogos a compreensão das etapas do desenvolvimento do desenho infantil, visando melhores resultados no desenvolvimento da criança na educação infantil.

Desse modo, o presente trabalho procurará refletir sobre as características das fases de desenvolvimento, bem como as mudanças geradas pelas intervenções e conseqüentemente, a influência destas no desenvolvimento do grafismo na criança, contribuindo para uma compreensão mais ampla do desenvolvimento do desenho infantil, além de reflexões importantes sobre as implicações educacionais da atividade gráfica.

Deixar que o desenho fluísse normalmente é deixar que ela se desenvolvesse harmoniosamente com o seu meio. Na medida em que a criança cresce, seu desenho sofre modificações. Muitas vezes o educador não tem compreensão das fases do grafismo por que passa a criança, e são dados desenhos para colorir, perdendo o prazer de desenhar para o dever de fazer o que é imposto. Mas, as personalidades são distintas, distintos estilos, as motivações e o valor das coisas (BRAGA, 1974, p. 99).

Existem várias teorias que tentam desvendar o processo de desenvolvimento da criança e cada uma delas têm práticas educacionais diferenciadas. A proposta aqui presente é a de observar e perceber como a criança encontra significações enquanto desenha, em quais fases de desenvolvimento ela se encontra e como passa de um estágio para outro. Quando a criança começa a utilizar elementos tais como os gráficos universais, ela percebe que pode comunicar-se, entrar em contato com os outros. É um processo de comunicação, de função social.

Em determinadas fases, a criança ainda não possui uma compreensão intelectual que lhe permita expressar-se adequadamente, mas através do seu desenho, isto lhe é possível. Ela se modifica e é modificada ao desenhar, sofre transformações que lhe propiciam o seu desenvolvimento cognitivo e a percepção do mundo que a rodeia de forma criativa.

Tendo a escola a função de fazer com que a criança melhore a cada dia sua forma de lidar com nosso meio e entender que esse não é só físico, mas constantemente influenciado pela emoção, sentimentos e pensamentos, integramos um trabalho de reflexão e ação.

Quando um pai ou uma mãe, sedentos pelo sucesso escolar de seus filhos, depositam nos profissionais do processo ensino–aprendizagem, elevada carga de esperança na prosperidade intelectual de seus filhos, então, todo e qualquer recurso que auxilie na descoberta das causas dos problemas da aprendizagem tornam–se como que peças preciosas de um processo, cuja recompensa vem em forma de lágrimas nos olhos, arrepios e abraços pela felicidade do obstáculo vencido e dos limites superados por seus pequenos prodígios. “O ato de desenhar envolve a atividade criadora; é através de atividades criadoras que a criança desenvolve sua própria liberdade e iniciativa e outros o que permitirá.” (LOWERNFELD, 1970 p. 16).

Mas para que haja tal sucesso na intelectualidade destas crianças/pacientes é necessário que estes profissionais sofram uma atualização temática, no tocante ao estudo do construto infantil e na aplicação prática da leitura dos desenhos para potencializar os processos de ensino-aprendizagem e intervenções psicopedagógicas.

Não se trata de técnica psicodiagnóstica cujas prerrogativas de estudo e aplicação são restritas a médicos e psicólogos. A abordagem é meramente psicopedagógicas e de inspiração psicanalítica.

A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer (DERDYK, 2004, p.56).

Aprofundar as questões referentes à avaliação e a interpretação do desenho por parte dos profissionais envolvidos no ambiente escolar, tais como professores, orientadores, psicopedagogos. Tanto no ambiente de sala de aula quanto em consultórios e como essa interpretação e avaliação auxiliam no desenvolvimento cognitivo, emocional e psicomotor do aluno/paciente.

*Minha Barbie, o arco-íris, Barbie de novo,
As princesas, o sol, os passarinhos e tudo!”*

*Deborah Faustino, 4 anos
Agradecimento Colégio Realengo Seara.*



Segundo Piaget (1976) a capacidade de criação e inovação supõe construções efetivas e não simples representações fiéis da realidade e classifica as etapas do desenho como:

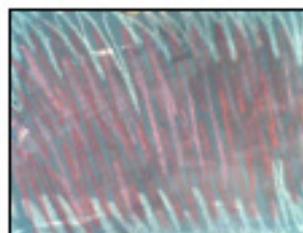
Garatuja desordenada:

- Primeiro contato das crianças com o lápis e o papel;
- Desenha pelo prazer do movimento;
- Aparece com o traço livre, pois não há controle dos movimentos;
- Variam as formas de segurar os lápis;
- A Criança não faz relação do olho com a mão;
- Não há representação do desenho.



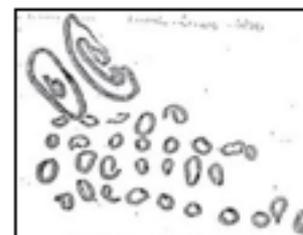
Garatuja ordenada (longitudinal):

- Coordena sua atividade visual e motora (sentido longitudinal do papel);
- Ainda não há intenção representativa;
- Os traços são mais fortes;
- Relação espacial delimitada;



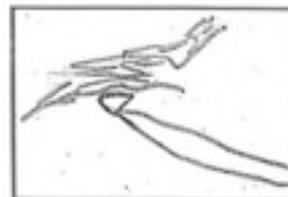
Garatuja ordenada (circular):

- Apropriação dos instrumentos que usa (papel, giz de cera, etc)



Garatuja nominada (mescla):

- Pode ocorrer uma mistura de uma etapa com outra ou todas ao mesmo tempo;
- Saída do pensamento motor para o pensamento representativo;
- A linguagem motora esta ligada a linguagem oral;
- A criança conta a historia do desenho através de frases.



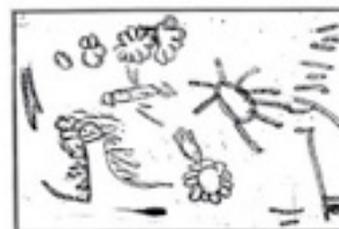
Pré esquema (1º fase):

- Confundido com a garatuja circular;
- A ocupação do espaço não obedece nenhuma regra (sem linha de base, solto);
- Cor ainda arbitrária (uma só cor);
- Desenha o que sabe do objeto, mas não o que vê;
- Lembra formas geométricas.



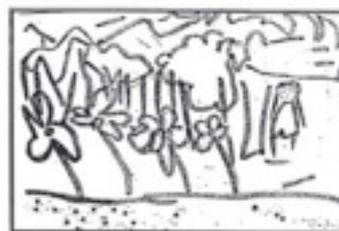
Pré esquema (2º fase):

- Perde-se a relação com os movimentos corporais: (o olho que no começo segue a mão passa a guiá-la);
- Início de uma preocupação com a ocupação do espaço (ainda sem linha de base);
- Ainda cor arbitrária (preocupação com a diversidade);
- Forma mais estruturada;
- Procura símbolos que represente o ambiente.



Pré esquema (3º fase):

- Começa a estruturar seu desenho com a linguagem (bonecos, flores, girinos, sol, etc);
- Encontra-se no período pré-operatório (4 a 6 / 7 anos);
- Os símbolos estão relacionados com a criança que é o centro do universo;
- Preocupação com alinha de base.



Esquema:

- Preocupação em organizar as formas no espaço relacionando-as;
- As formas começam a se organizar a linha;
- Usa o limite da folha como limite de base;
- A forma desce, cresce e o desafio é preenchê-lo;
- Preocupação com a linha de base nos desenhos (a linha de base parece ser uma indicação de que a criança se apercebeu das relações existentes entre ela própria e seu meio);
- Faz do desenho do tipo RX ou transparentes;
- Preocupação em começar seu desenho pelo chão delimitando também o céu, a forma cresce e é totalmente preenchida;
- Desenha com um misto de plano e elevação;
- As duas linhas céu e base não se relacionam diretamente;
- Representação da casa com um plano lateral e outro frontal, em alinhamentos diferentes e conjugados;
- Como num jogo de equilíbrio, as formas e todas as espécies de sinais são trabalhadas.



Início do Realismo:

- A criança chega ao início do realismo quando ultrapassa a frustração do enfrentamento com o real;
- A forma e o fundo são conquistados, havendo um apuramento da decoração com riquezas de detalhes;
- Aparece embrionariamente perspectivas no desenho;
- Acentua-se a necessidade do trabalho em grupo e da diversificação de técnicas.



A IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO

No complexo processo que envolve a aprendizagem, revela-se significativa a atuação preventiva do psicopedagogo no contexto escolar, onde muitas informações e vários aspectos têm que ser observados e analisados.

Ter conhecimento de como o aluno constrói o seu saber, compreender as dimensões das relações com a escola, com os professores, com o conteúdo e relacioná-los aos aspectos afetivos e cognitivos, permite um fazer mais fidedigno ao psicopedagogo. Deve-se considerar que o desenvolvimento do aprendente se dá de forma harmoniosa e equilibrada nas diferentes condições orgânica, emocional, cognitiva e social.

O desenvolvimento do desenho requer duas condições, primeiramente o domínio motor. Assim a criança começa a perceber que pode representar graficamente um objeto e a relação desenvolvida com a fala existente ao desenhar e a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica. (VYGOTSKY. 2007, p.141)

O desenho pode ser na infância, um canal de comunicação da criança com o seu mundo exterior, segundo os psicólogos da UDPE de San Salvador, por ética, só uma pessoa especializada, como alguns psicopedagogos, pode interpretar os desenhos, seguindo protocolos estabelecidos para esse fim. O especialista deve levar em consideração a condição biográfica e familiar da criança/paciente (sentimentos e emoções), bem como sua história pessoal, que servirá como marco de referência de quem desenhou. O desenho não é tudo, mas é um grande contribuinte para a realização do diagnóstico emocional e intelectual da criança/paciente.

Uma das principais ferramentas utilizadas no Diagnóstico Psicopedagógico é a análise de testes projetivos, cuja finalidade é a projeção de conteúdos presentes no inconsciente da criança de forma concreta, ou seja, por meio da utilização de figuras prontas ou de desenhos feitos pela mesma. A partir dessa análise é possível verificar e levantar hipótese sobre a modalidade de aprendizagem, o vínculo com o ser que ensina e com a família.

A criança, ao desenhar, tem uma intenção realista. O realismo evolui nas diferentes fases do desenho infantil até chegar ao realismo visual, que é o realismo do adulto. Para o adulto, o desenho tem que ser idêntico ao objeto. Já para a criança, o desenho, para ser parecido com o objeto, deve conter todos os elementos reais do objeto, mesmo invisíveis para os outros. Assim, a criança desenha de acordo com um modelo interno: a imagem que sabe do objeto que vê. (PIAGET. 1971, p.126)

É isso que difere os testes projetivos utilizados na Psicopedagogia dos testes utilizados na Psicologia, pois os últimos são voltados para a investigação da personalidade e comportamento, dentro do âmbito emocional. Testes como o par educativo, o desenho da família, da figura humana e outros, são muito utilizados em consultório; no entanto a aplicação do desenho livre com o objetivo de avaliar o desenvolvimento cognitivo é pouco utilizado e conhecido. Este teste pode ser uma ferramenta importantíssima para avaliar e detectar um possível atraso no desenvolvimento cognitivo da criança, tanto na clínica como em sala de aula.

Aprender a questionar os desenhos infantis é essencial para o acompanhamento dos avanços em relação à construção do pensamento infantil, é mediante aos questionamentos que aprendemos a compreender muitas coisas que as crianças representam através de seus desenhos e que muitas vezes podem ser interpretadas erroneamente.

Toda criança desenha. Tendo um instrumento que deixa uma marca: A varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçada, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias. Desenhando, cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. A criança desenha para brincar (MOREIRA, 2008, p.15).

O desenho permite ao professor uma série de pistas sobre a criança que encontra no mesmo a sua maneira de ler o mundo. Os professores, muitas das vezes, não acreditam que o desenho desempenha um papel tão importante na construção do pensamento da criança não dispensando a ele a sua devida importância em sala de aula.

Mas o que foi observado durante o estudo sobre o desenho infantil e suas contribuições no processo da aprendizagem é que o conhecimento das etapas evolutivas do desenho infantil fornece ao professor mais um instrumento para compreender as crianças, somando esse conhecimento à análise constante dos seus trabalhos e considerando sempre o significado mais profundo do ato de desenhar como expressão de ideias e sentimentos, o professor poderá orientar suas ações pedagógicas.

Ao observar o desenho de uma criança, pode aprender muito sobre o seu modo de pensar e sobre as habilidades que possui. Quando, em um desenho, os braços de uma figura humana saem da cabeça e não do tronco, por exemplo, significa que a criança ainda não tem construído interiormente, em seu pensamento, o esquema corporal de uma figura humana. (PILLAR, 1996).

Isso nada tem a ver com o fato de ela não estar enxergando direito, de estar com problemas de motricidade fina, ou ainda, de não estar apta a desenhar com destreza. Desenhar figuras humanas possibilita à criança estruturar suas ideias sobre as mesmas.

É importante que a criança tenha oportunidade de desenhar livremente, em papéis e em tamanhos e texturas diferentes, em posições variadas, com materiais diversos. Quando a criança vai dominando seus movimentos e gestos, as propostas devem ser diferentes: desenhar em vários tempos e ritmos, fazer passeios e expressar o que observou no papel, incentivar o desenho coletivo, desenhar as etapas percorridas após uma brincadeira ou jogo e muitas outras podem ser feitas com a criança para ajudá-la a aprimorar suas capacidades de desenhar.

Os educadores que vivem diariamente com essas crianças devem também respeitar o ritmo de cada criança, a maneira como sua obra está evoluindo, porque cada criança tem um tempo e uma maneira de internalizar suas experiências. "A princípio, para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas". (LUQUET, 1969, p.145)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entretanto, foi-se considerado que o desenho é um meio de expressão que a criança possui, o desenho de uma criança pode retratar todo o seu crescimento, que envolve sentimentos, sonhos e conflitos.

É por um meio de desenhos que o educador consegue interagir, ajudar a criança e sua família, porque a forma que ela desenha retrata o que ela vive e sente. Para ter um resultado a médio e longo prazo o educador precisa ter um olhar pedagógico sobre cada traço, cada símbolo, cada cor que essa criança vai expressar.

Objetivou-se neste artigo, investigar as diferenças existentes entre os tipos de abordagem que sistematizam a questão da interpretação e avaliação do desenho gerando assim um maior esclarecimento aos novos psicopedagogos, aos recém-formados e aos psicopedagogos que já estão inseridos no contexto da educação, fomentando assim a verificação da relação entre o profissional e o aluno/paciente, até onde esta relação pode influenciar na avaliação e como é feita por parte dos profissionais.

Acredita-se que não compete as Instituições Educativas, por melhor que sejam as intenções, interpretar os desenhos de forma terapêutica, cabem às clínicas e consultórios, com profissionais específicos. As práticas pedagógicas devem observar o desenho enquanto expressão, uma ferramenta que possibilita a reflexão.

De acordo com as abordagens embora distintas, não divergem entre os autores no que diz respeito à importância do desenho infantil, instituído por fases, etapas, estágios, movimentos, dentro do seu processo de desenvolvimento como ser humano.

O desenho infantil é base da análise importante do progresso da criança, o seu desenvolvimento contribui para a representação simbólica, para o desenvolvimento motor, emocional e para a aprendizagem como um todo.

A Psicanálise, a Psicologia e a Psicopedagogia procuram explicar ou compreender o não dito, as mensagens subliminares, questões inconscientes vivenciadas pela criança, levando em conta que o processo cognitivo da criança ainda está em desenvolvimento, muito se tem a observar e descobrir, de qualquer forma, esses desenhos são como registros, ricos.

Diante da bibliografia utilizada para realização deste artigo é possível dizer que o desenho é precedente a escrita, mas que os dois possuem uma relação de interdependência. Pais e educadores devem estimular as crianças e oportunizarem momentos significativos de interação, dentre os quais as atividades lúdicas têm um papel importante. O desenho, como uma atividade lúdica, é um forte aliado na construção do pensamento.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: conhecimento de mundo. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2002.

GARDNER, Howard. Arte, Mente e Cérebro: uma abordagem cognitiva da criatividade. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2005.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte, sala de aula e formação de professores. Porto Alegre, Artmed, 2003.

LOWENFELDER, Viktor. A criança e sua arte. São Paulo: Mestre Jou, 1954.

LUQUET, Georges Henry. O desenho infantil. Porto: Editora do Minho, 1969.

MEREDIEU, Florence de; O Desenho Infantil. Rio de Janeiro: Editora Cultrix, 2012.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do desenho: a educação do educador. São Paulo: Loyola, 1993.

PIAGET, J. La Formation du Symbole chez L Enfant Imitation, Jeu et Rêve, Image et Représentation. Neuchâtel: Delachaux et Nestlé, 1946. [A Formação do Símbolo na Criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1971]

PILLAR, Analice Dutra. Desenho & escrita como sistema de representação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RABELLO, Nancy: O desenho infantil: entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEBGRAFIA

BARROS, Aurenice. O desenho na educação infantil na visão do educador. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br>, acesso em 10/04/2014

BETHANIA, Maria. Como interpretar os desenhos das crianças. Disponível em: <http://br.guiainfantil.com/desenho-infantil/210-como-interpretar-os-desenhos-das-criancas.html>, Acesso em 15/06/2014.

GURGEL, Thais. O desenho e o desenvolvimento das crianças. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/rabiscos-ideias-desenho-infantil-garatujas-evolucao-cognicao-expressao-realidade-518754.shtml>, acesso em 15/02/2014.

PONTES, Idalina. Atuação psicopedagogia no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000300011&script=sci_arttext, acesso em 10/03/2014.

VIEIRA, Alcione, CARDOSO, Luana. A Importância do Desenho Infantil no Processo de Alfabetização. Disponível em <http://www.pedagogia.com.br/artigos/desenhonaalfabetizacao/>, acesso em 06/03/2014.



www.saojose.br | (21) 3107-8600

Av. Santa Cruz, 580 - Realengo - Rio de Janeiro